



# O COMUNISMO E A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS MILITARES COM CONVICÇÕES DEMOCRÁTICAS

Ariel Pacca da Fonseca

*General de Exército R/1, ex-Chefe do Estado-Maior do Exército.*

**É** com muita honra que aqui me encontro atendendo a um convite do digno Comandante desta Escola e nosso prezado companheiro, General Diogo de Oliveira Figueiredo.

Inicialmente quero apresentar as minhas saudações aos companheiros das nações amigas e de nosso Exército, que ora iniciam ou reiniciam seus cursos, aos oficiais do corpo permanente da Escola, aos graduados e pessoal civil de todos os níveis que cooperam no cumprimento de sua missão, e aos demais chefes e companheiros do Exército ativo que prestigiam este ato com suas presenças.

Confesso minha surpresa ao ser convidado e, por conseguinte, minha dúvida inicial em aceitá-lo; porquanto, encontrando-me já na reserva há um ano, dois meses e oito dias exatamente, julgava que as missões desta natureza — aula inaugural — devessem ser atribuídas, normalmente, a companheiros dos últimos postos do Exército ativo, capazes, como o são todos, de, neste tablado de tanta responsabilidade, darem aos mais jovens e futuros chefes mais um exemplo de procedimento nestas circunstâncias — independentemente do tema abordado. Faço tal afirmativa porque exemplo é possível e deve ser dado em todas as ocasiões e em todos os atos da vida profissional, na paz como na guerra.

Conseqüentemente, considero este convite como traduzindo mais a intenção de homenagear um ex-Chefe que passou para a reserva após muitos anos, como assinalaremos mais adiante, de serviços dedicados ao ensino nos diversos níveis e em todos os postos da hierarquia militar.

Penso haver dado o máximo de minhas possibilidades ao Brasil, esforçando-me por tudo dar ao Exército; porém, meu tempo como profissional militar já

passou, apesar de em meu espírito e em minha personalidade continuarem vibrando os mesmos entusiasmos profissional e convicções cívicas.

Serei, entretanto, um preocupado permanente com a eficiência de nosso Exército, para que esteja sempre pronto a bem cumprir sua nobre missão, apesar das dificuldades normais, que ainda existirão por longo tempo, no que se refere, principalmente, à disponibilidade de meios mais modernos e em quantidade suficiente — particularmente em momentos como este que o mundo está vivendo, em que o comunismo se expande impune e ousadamente, invadindo países despreparados e indefesos, em formações compactas pela falta de resistências organizadas capazes de a ele se oporem.

Serei, assim, um eterno preocupado com o contágio ou a expansão do vírus comunista no mundo e, particularmente, em nossos vizinhos do continente americano e em nosso povo ordeiro; porquanto creio na possibilidade, não para os meus dias — mas creio —, de ser construída, sobre este território continental, que tivemos o privilégio de herdar de nossos antepassados a custa de muito suor e sangue, uma pátria grandiosa, livre, soberana e democrática, abrigando um povo feliz, um povo sem fome, um povo com prazer de viver.

Para que isso ocorra no mais curto prazo só conheço uma receita: é todos nós, brasileiros de todas as classes, gerações e profissões, darmos os braços e cada qual esforçar-se o máximo no desempenho daquilo que lhe compete fazer, partindo do princípio de que todas as profissões, cargos ou funções são úteis, porquanto ninguém paga a outrem para nada produzir. Considerando, também, que em todas as organizações há necessidade do diálogo e dos que discordam na fase de estudos dos assuntos ou problemas, desde que, disciplinadamente, com educação e respeito, em busca de sua melhor solução. Assim, em política, também devem agir as oposições, preocupadas com o Município, o Estado ou a Federação, conforme o nível de sua atuação. Vejam bem: não se trata de uma carneirada, de dizer amém a tudo, parta de onde partir, mas de uma colaboração útil voltada para a melhor produção da organização a que se pertence, que, em seu aspecto maior e mais nobre, chama-se Brasil. Considerando inclusive que, conseqüentemente, se a organização melhorar, aqueles que para isso contribuíram também deverão ser beneficiados. É lógico que um apelo ou doutrinação neste sentido não pode visar àqueles que já vivem com o cinto apertado e que, apesar disso, ainda dão muito, mas, sim, aos que já têm um padrão de vida aceitável.

Mas para que tudo isso aconteça, sou apenas um espectador — apesar de continuar a manter aquelas preocupações, com as vistas e o pensamento voltados para este povo bom e sofrido, que tanto tem sabido esperar. Preocupo-me, assim, muito com o êxito do Governo, para o progresso ou o desenvolvimento, se possível, mais acelerado do Brasil, única solução para o problema social, criando mais e melhores empregos capazes de proporcionarem melhores salários e, conseqüentemente, melhores padrões de vida para as classes menos favorecidas.

Abordarei no desenrolar desta palestra diversos assuntos ou aspectos ligados às conjunturas mundial e interna, do passado e do presente, ou relacionados

com o fim desejado, de modo que todos possam chegar à conclusão que é o seu título.

## OS TOTALITARISMOS DE DIREITA E DE ESQUERDA

Considero a ameaça comunista no presente mais grave do que a nazista que motivou a 2ª Guerra Mundial.

Posso dizê-lo sem o receio de me qualificarem como direitista, nazista ou fascista; porquanto, além de haver participado da FEB no posto de Capitão, como integrante do Grupo de 155 (1.º/1 RAP ou 4.º Grupo da 1.ª DIE), em minhas saudações como Chefe do Estado-Maior do Exército, aos Generais de Brigada promovidos de 25 de Novembro de 1977 a 25 de novembro de 1978 — em quatro datas de promoção — sempre procurei colocar em relevo o espírito democrático das Forças Armadas.

Afirmo-o com a convicção de quem acompanhou e continua acompanhando a evolução do mundo e suas crises, além dos 44 anos de Oficial da ativa, tendo participado, inclusive, de diversos movimentos internos — desde a Intentona Comunista de 27 de novembro de 1935, em que atiramos com os canhões do Grupo Escola, onde servia como 2.º Tenente em meu primeiro ano de Oficial, contra a Escola de Aviação Militar no Campo dos Afonsos, até a revolução democrática de 31 de março de 1964.

Cheguei a tal conclusão com base:

- no exame das razões que motivaram o expansionismo nazista e nos processos, métodos ou conduta adotados, baseados no emprego imediato e ostensivo da força total para atingir seus objetivos maiores;
- no motivo fundamentalmente ideológico do comunismo internacional e processos de conquista paulatina das nações, iniciando pelas vizinhas, e por elas prosseguindo, com o emprego parcial ou não da força, com a instalação de governos títeres liderados por elementos nacionais previamente conquistados e preparados ideologicamente. Em algumas nações não vizinhas, tem conseguido, também, implantar a ideologia pela conquista de minorias mais afoitas ou agressivas que se deixam influenciar pelas falsas promessas de liberdade, melhoria dos padrões de vida e, até de democracia, aliadas contra um suposto imperialismo norteamericano (que já vai longe) ou explorando a miséria ou a falta de liberdade do povo.

As razões que fundamentaram a ação expansionista de Hitler foram duas:

- a necessidade de ampliação territorial da Alemanha — ao assumir o poder a Alemanha possuía uma população de 80.000.000 de habitantes;
- a convicção de que o povo germânico era formado por uma raça superior (uma super raça).

Isso pode ser perfeitamente observado em seu livro "Minha Luta" escrito no presídio militar de Landsberg sobre o "lech", onde se achava cumprindo pena por força de sentença do Tribunal de Munique, a partir de 1º de abril de 1924, já em consequência de agitações do Movimento Nacional Socialista dos Trabalhadores que se transformou mais tarde em grande partido. Entre outras coisas normalmente convergindo nas mesmas idéias, Hitler afirma:

"Ninguém contesta que, hoje em dia, ainda há neste mundo solo em extensão formidável e que só espera quem o queira cultivar. Da mesma forma também é certo que esse solo não foi reservado pela própria natureza para uma determinada nação ou raça, como superfície de reserva para o futuro. Trata-se, sim, de terra e solo destinados ao povo que possua a energia de o conquistar e a diligência de o cultivar.

A natureza não conhece limites políticos — preliminarmente ela coloca os seres neste globo terrestre e fica apreciando o jogo livre das forças. O mais forte em coragem e em diligência recebe o prêmio da existência, sempre atribuído ao mais resistente."

"Todas as alianças deveriam ser examinadas exclusivamente sob esse ponto de vista e apreciadas quanto à sua utilidade nesse objetivo. Houvesse o desejo de adquirir território na Europa e isso teria de dar-se de um modo geral à custa da Rússia. O novo Reich teria de novamente por-se em marcha na estrada dos guerreiros de outrora, a fim de, com a espada alemã, dar ao arado alemão a gleba e à nação o pão de cada dia."

Mais adiante, no mesmo livro, Hitler afirma:

"... a condição essencial para a formação de uma humanidade superior não é o estado mas a raça."

Essas idéias o acompanharam por toda vida. Mas com a entrada da França e da Inglaterra na guerra, em consequência da invasão da Polônia, com as vitórias fulminantes conseguidas na Europa continental, exceto a Rússia que ficou neutralizada pelo pacto de não agressão, com um protocolo secreto, assinado na noite de 23 para 24 de agosto de 1939, que "dava liberdade à Rússia para agir na Finlândia, Estônia, Letônia, Bessarábia, Romênia e Polônia, a leste dos rios Narev, Vístula e San", a megalomania cresceu-lhe mais ainda, subindo-lhe à cabeça como um impulso irresistível que levou-o a conquistas que havia planejado com a mesma antecedência, estendendo, por demais, suas frentes.

Hitler tinha pressa, parecia querer realizar seus planos de domínio sob sua própria liderança e após conquistar toda a Europa continental, mantendo a União Soviética neutralizada, como já salientamos, esqueceu-se dos ensinamentos da História, a que ele mesmo se referiu, lançando-se, de surpresa, sobre a Rússia. À meia-noite de 21 de junho de 1941, Molotov, Ministro das Relações Exteriores da União

Soviética, solicita uma audiência do Embaixador do Reich, recebendo, deste, a seguinte declaração nos primeiros instantes do novo dia:

“Em virtude da pressão insuportável exercida pelas tropas russas sobre a linha fronteiriça, que as separa das tropas alemãs, estas últimas receberam ordem de penetrar em território soviético.”

Às 3 horas e trinta minutos desse 22 de junho, o acordo de Moscou chegara ao fim.

Superestimando a capacidade de seus exércitos e subestimando demasiadamente o novo adversário, é que Hitler cometeu o erro mais grave. As forças e os recursos da União Soviética ultrapassaram o horizonte de sua imaginação. Assim,

“No dia 14 de setembro de 1812, após 86 dias de marcha, os infantes de Napoleão deram entrada em Moscou, enquanto a 14 de setembro de 1941, as tropas motorizadas de Hitler, após haverem caminhado dois dias a mais, estavam ainda, a 300 quilômetros da capital soviética, cujos subúrbios não ultrapassariam jamais.”

Ao alongamento das distâncias e, conseqüentemente, das linhas de suprimento veio aliar-se o inverno, surgindo dois meses antes da data prevista pelo calendário. A neve que caiu desde 10 de outubro de 1941, acompanhada do frio, transformou, radicalmente, a paisagem e as condições do meio ambiente. A temperatura oscilava entre 5 e 15 graus abaixo de zero, chegava, mesmo a descer a 30, 40 e até 50 graus, quando o vento soprava.

“Com 129 anos de intervalo, a mesma aventura marca o começo do fim de dois conquistadores até então invencíveis.”

Ainda se diz na Rússia, referindo-se às tropas de Napoleão, que conseguiram ir bem mais longe do que as de Hitler:

“Não foi Kutusoff que matou ou dispersou os franceses; foi o General Morosov (o gelo).”

Então, tratava-se de um megalomaníaco que pretendia ter grande parte do mundo sob o domínio da “super raça germânica” e, ainda, com sua liderança pessoal, repito.

Conseguiu conquistar os países relativamente despreparados da Europa continental com o mais poderoso Exército que alguém já conseguira organizar no mundo até aquela época, apesar das limitações impostas pelo Tratado de Versalhes; mas, o que ele mais ambicionava, o vasto território de uma Rússia cujo preparo e vontade subestimou, levou-o ao grande revés, que seria o início de sua derrocada.

A Rússia atual, com recursos bem mais poderosos do que os existentes na 2ª Grande Guerra — além de bombas atômicas, bombas de hidrogênio e outras muito mais potentes, material para uma guerra convencional mais sofisticado e, também, mais potente do que os usados por Hitler, cujos efetivos disponíveis são ignorados, mesmo sem incluir os de seus aliados do Pacto de Varsóvia — faz suas con-

quistas ideológicas quando as oportunidades se apresentam favoráveis, com o auxílio da 5ª Coluna Infiltrada, muito mais intensamente, em todos os países do mundo. Seus líderes não ignoram que a paz favorece sua expansão ideológica com menores riscos; assim, após abocanhar uma nova vítima por invasão, frequentemente procura justificar que foi atendendo a solicitação do próprio povo, representado no caso por minorias já comunizadas.

Ela pretende impor sua ideologia ao mundo, não sob a liderança de Brejnev que passará como já passaram: Lenine, Stalin e Kruchev; este último preocupou-se em destruir o mito de seu antecessor depois de morto e acabou morrendo no desterro.

Então, a vontade russa de dominar o mundo ideologicamente, mesmo que os países continuem a ser governados por minorias nativas já comunizadas, não é comandada por um só homem, mas por um grupo de homens que integram o Kremlin, com as mesmas convicções ideológicas e que se sucedem na liderança do conjunto por morte, incapacidade física ou por haver o Chefe, em exercício, sido condenado ao desterro pelos próprios camaradas, por algum erro por eles admitido (para provar aos adeptos do comunismo sua infalibilidade):

O comunismo tornou-se, assim, uma ameaça que só poderá deixar de existir por uma revolução interna, de seu próprio povo, muito pouco provável de ocorrer devido aos métodos empregados para governá-lo e pela fase de êxitos sucessivos que está vivendo ou se acontecer uma 3ª Guerra Mundial em que venha a ser derrotado, probabilidade que cada dia vai se tornando aparentemente menor pelo aumento de seu poderio.

## GUERRA — UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE

As idéias que passo a apresentar, complementam o que acabei de expor sobre a expansão comunista.

Aliás já externei o pensamento que se segue em aula inaugural que aqui ministrei em fevereiro de 1977, bem como o introduzi na Diretriz Setorial de Ensino que baixei com portaria de 10 de novembro do mesmo ano, como Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa, para o biênio 1978/1979; mas por julgá-lo oportuno, face à conjuntura mundial presente, estou repetindo com a indispensável complementação.

Em todas as organizações militares e, em particular, nas escolas, não podemos deixar de ter sempre presente em nossas mentes que as Forças Armadas existem por haver possibilidades de guerras no mundo; se este mundo fosse de paz e compreensão entre as nações, bastariam as organizações policiais, desde que melhor aparelhadas e adestradas (inclusive selecionadas), para manterem a ordem pública interna — pois não haveria a preocupação ideológica, nem com as próprias fronteiras.

Assim, as Forças Armadas são instituições de extremada responsabilidade — sua missão figura de maneira explícita na própria Constituição da República:

“... destinam-se à defesa da Pátria e à garantia dos poderes constituídos, da lei e da ordem...”, como é do conhecimento de todos.

É fora de dúvida que, em caso de guerra, todo cidadão válido poderá ser convocado, mas os Oficiais e Sargentos dos quadros permanentes têm a responsabilidade de prepará-los, com todo o rigor, desde a paz, para a reserva ou como integrantes do Exército ativo e de enquadrá-los e comandá-los, inclusive aos Oficiais da reserva convocados, se a guerra nos for imposta.

Não falo para alarmar ou inquietar; afirmo coisas como estas, repito, porque não podemos, como profissionais, deixar de ter sempre esta preocupação. E podem estar certos, agora mais do que nunca, de que vem aumentando a probabilidade de uma guerra ideológica — como evolui o mundo, cada dia ela está mais próxima das fronteiras terrestres, marítimas, aéreas e, mesmo, internas; isto considerando todos e cada um dos países, cujos povos escolheram uma filosofia de vida baseada na independência, no respeito mútuo e na liberdade interna, entre os quais nos incluímos, sempre repito.

Nós da América levamos a vantagem de estarmos distantes do foco principal de irradiação da comunização, de modo que a maior preocupação dos países latino-americanos ainda é com a frente interna, particularmente considerando os respectivos padrões de vida, por enquanto.

A conjuntura mundial tem mudado de alguma forma de fevereiro de 1977 para cá.

Naquela aula e na mesma diretriz ainda ressaltei:

“É nos dias que correm, pelo que temos presenciado, nem sempre um país poderá esperar que outros, mesmo possuindo afinidades democráticas, acorram para cooperar em sua defesa contra um ataque externo ou contra uma infiltração externa armada. Cada qual deverá estar suficientemente preparado para sua autodefesa, se pretender preservar sua filosofia de vida”.

Corroboram com o pensamento acima as palavras do escritor soviético dissidente Alexander Soljenitsin, em artigo transcrito em nossa imprensa a 12 de fevereiro onde, entre outras alternativas, ressalta:

“Entre 1945 e 1975 houve uma outra guerra mundial, quando o Ocidente foi derrotado sem disputar uma só batalha e perdendo para o comunismo dezenas de países.”

Desde 1972 o recrutamento, ou melhor o serviço militar obrigatório, foi abolido pelo, então, Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, que passou a contar apenas com Forças Armadas integradas por profissionais — voluntários; deixando, assim, desde então, de haver a formação de reservas.

Após uma relativamente grande expansão soviética nos últimos 30 anos, como referido por aquele escritor, e com a conquista, principalmente, agora do Afe-

ganistão — avançando em direção ao Golfo Pérsico onde se localizam os grandes produtores de petróleo, tais como Irã, Iraque, Arábia Saudita (maior exportador de petróleo do mundo), Kuwait etc., o Presidente dos Estados Unidos preocupou-se e sentiu-se forçado a enviar mensagem ao Congresso, com data de 8 de fevereiro, solicitando aprovação para o alistamento compulsório para rapazes e moças que já tenham completado 19 e 20 anos de idade, alegando, entre outras coisas, que:

“A invasão soviética do Afeganistão constitui uma séria ameaça vital aos interesses a longo prazo dos Estados Unidos e seus aliados.”

De acordo com a proposta do Presidente, acrescenta o correspondente da imprensa (caso a proposta venha a ser aprovada, é claro): “Ainda neste ano 4 milhões de homens e 4 milhões de mulheres serão registrados para prestarem serviço militar em caso de convocação.”

Ainda acrescenta o noticiário: “O alistamento compulsório poderá agilizar uma mobilização em até 100 dias”.

“Uma fonte da Casa Branca salientou, entretanto, que a decisão presidencial não afasta o país do atual serviço militar voluntário” — é claro que não há qualquer incompatibilidade. Disse mais: “que este foi um gesto para reafirmar à União Soviética a determinação norte-americana no caso de os russos invadirem outro país”.

Apesar do Presidente haver proposto somente o alistamento que implica, apenas, em enviar pelo correio para o serviço militar: nome, idade e identidade (logicamente o endereço também), sua iniciativa provocou protestos, partidos não só dos jovens enquadrados na faixa etária fixada, como das universidades, associações diversas etc.

Convém ressaltar que há certas decisões que, depois de tomadas, são difíceis de serem anuladas, particularmente quando atingem os jovens que, nos dias presentes, constituem u’a massa bastante numerosa e organizada e, por isso, predisposta a reações de toda natureza sem medir suas conseqüências e sem pretender, sequer, entrar no mérito dos problemas.

Segundo notícia de Nova York, publicada a 3 do corrente no Rio, o Exército norte-americano conta presentemente com uma força de 759 mil pessoas, inclusive 61 mil mulheres — abatendo estas que não participam de ações de combate, resta um efetivo de 598 mil homens, sendo que boa parte desse efetivo deve estar integrando as forças da OTAN na Europa, de onde naturalmente não poderá ser retirada.

Há uma grande boa fé dos líderes aliados ao se assentarem com líderes soviéticos em torno de mesas, para debaterem acordos sobre desarmamento, limitações de bombas, efetivos etc. O russo, como o alemão antes da 2ª Guerra Mundial, só visa a ganhar tempo com isso, enquanto intensifica a ação em outros aspectos ou no próprio que está sendo debatido. Isto já foi comprovado em várias oportunidades, e de nada adianta firmar compromissos no papel se não forem admitidas inspeções, honestamente autorizadas e orientadas.

O comunismo internacional é falso e traiçoeiro, como já demonstrou ao longo da História, inclusive no Brasil na Intentona de novembro de 1935, e seu grande objetivo ideológico é inalterável por meios pacíficos.

Convém salientar que o Afeganistão, em si, é um país pobre em recursos naturais — sua única importância internacional reside em sua situação geográfica, estrategicamente falando.

## IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS

Por que assim falo aos futuros assessores imediatos dos Chefes maiores ou aos próprios futuros Chefes do Exército brasileiro, que ainda vestem e vestirão por muitos anos esse uniforme e que têm e continuarão a ter como atribuições participar no cumprimento de missões cujas origens se encontram fundamentalmente na honrosa "destinação constitucional das Forças Armadas"?

Porque considero e sempre considerarei, com grande preocupação nesse sentido, que as Forças Armadas deverão, em conformidade com sua "destinação", manter-se altamente preparadas e atentas à evolução das conjunturas interna e mundial; prontas para acionarem, se necessário, os seus meios disponíveis de toda natureza, mesmo que considerados menos atualizados para outros países, para cumprirem a missão que lhes cabe — convictas de que a improvisação e a surpresa se incluem entre os elementos altamente negativos a serem por elas constantemente considerados, quer se trate do inimigo interno quer do externo.

O valor de um país está ligado diretamente ao valor de sua gente. Em função de sua filosofia de vida, de sua organização e da vontade nacional, vale dizer, globalmente, de sua cultura, uma nação poderá traçar seus destinos, estabelecer seus objetivos, persegui-los e alcançá-los. E isso se consegue principalmente pela educação; por outro lado, o caminho mais válido e rápido que conduz à educação do povo é aquele que passa pela escola.

O mesmo ocorre com o Exército, ao qual, além da importante missão de preparar os efetivos incorporados anualmente, cabe a essencial formação de seus quadros e tanto melhores e mais aptos serão os quadros, quanto mais eficientes o forem os estabelecimentos de ensino, pois, em todos os seus níveis, suas finalidades gerais são sempre as mesmas: formar os chefes dos respectivos escalões.

Assim, considero que as escolas, fundamental e genericamente, exercem grande influência na formação da personalidade do profissional militar, particularmente dos mais jovens, e que, somente por intermédio delas, em qualquer nível, poder-se-á inocular novas idéias e preocupações comuns, e modificar até mentalidades, em curto prazo, nos quadros permanentes em busca de uma padronização, quando desejada, não de personalidades, mas de comportamentos ou condutas.

Proporcionando os conhecimentos básicos indispensáveis aos chefes dos diversos níveis da hierarquia, devem, também, as escolas estar capacitadas a transmitir-lhes uma mensagem de convicção e responsabilidade profissionais, capazes de

motivá-los ou de mantê-los motivados, inclusive, para uma atualização continuada e permanente de seus conhecimentos. Atualização essa indispensável a qualquer profissional, particularmente de nível superior, nos dias presentes — para bem situar-se não só na respectiva profissão — como na evolução acelerada que o mundo experimenta em todos os campos de atividades e, de alguma forma, poder prever para poder prover com oportunidade.

Para isso, é preciso que cada um de nós tenha a convicção de que a perfeição é o ideal inatingível, que ninguém é dono da verdade, que todos e cada um têm suas deficiências e, por conseguinte, somos capazes de cometer erros e até injustiças involuntárias; nunca é tarde para que modifiquemos alguns hábitos ou aspectos de nossa conduta ou, mesmo, de nossa personalidade, se for o caso. A busca da perfeição ou do aperfeiçoamento próprio deve constituir uma preocupação constante no profissional honesto, desde que seja um homem equilibrado, desprovido de vaidade e despretensioso, e um preocupado em produzir o melhor dentro de suas possibilidades.

Por tudo isso, sempre julguei e continuo julgando que as escolas são a origem de tudo quanto teremos ou viermos a querer para o nosso Exército, uma vez que nelas se origina a nossa formação profissional e a elas voltamos periodicamente para a especialização (quando é o caso) e para o aperfeiçoamento, bem como para a complementação final de conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento na carreira; constituindo-se, até algumas, em requisitos para o acesso aos diversos postos da hierarquia, inclusive ao generalato como ocorre com este curso.

Tive oportunidade, como poucos, de melhor sentir essa influência, porquanto tornei-me bastante conhecedor da linha do ensino de nosso Exército e, se isto só bastasse, poderia considerar-me em situação privilegiada para afirmá-lo, pois que:

- desempenhei as funções de instrutor na antiga Escola Militar do Realengo (EMR) nos postos de 1º Tenente e Capitão;
- exerci idênticas funções na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) — nesta Escola — como Major e Tenente Coronel;
- no posto de Coronel chefei o gabinete da antiga Diretoria de Ensino de Formação (DEF) — onde estava quando da revolução de 31 de março de 1964;
- Ainda no posto de Coronel comandeí a Escola de Material Bélico (EsMB);
- Já como General-de-Brigada exerci os comandos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e desta Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME) onde fui promovido a General-de-Divisão;
- Neste posto exerci o cargo de Diretor de Formação e Aperfeiçoamento (DFA);

- Finalmente, antes de assumir a chefia do Estado-Maior do Exército (EME), onde completei os 12 anos como General, desempenhei o cargo de Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP).

Perfazendo, assim um total de 16 anos e 4 meses em organizações propriamente de ensino, sem considerar os tempos passados na situação de aluno e como Chefe do Estado-Maior do Exército, que a tudo orienta em suas linhas gerais ou, mesmo, em certos detalhes, num total de 44 anos de Oficial menos 7 dias.

Considero muito importante e por isto saliento nesta oportunidade que, apesar das componentes do processo educativo serem os cursos, os currículos, os métodos e processos de ensino e a avaliação da aprendizagem, os que servem nessa linha precisam estar convictos de que o padrão do ensino estará, fundamentalmente, na dependência direta da competência e do valor moral dos quadros de instrutores e professores e da vontade dos alunos que devem, como mais jovens, possuir um espírito evolutivo, voltado para o futuro e preocupado, inclusive, em cooperar com uma participação positiva e honesta em busca da maior aprendizagem, além de uma dedicação exclusiva capaz de lhe proporcionar o melhor aproveitamento em benefício próprio e, conseqüentemente, para o Exército.

Em outras palavras, tenham sempre presente que o militar é formado com vistas a encarar a profissão como um sacerdócio no sentido de uma dedicação máxima e exclusiva ao serviço da pátria. Por isso, a formação e o aperfeiçoamento em qualquer nível do profissional militar constitui-se em responsabilidade incomparável e merecedora de todo desvelo e atenção, inclusive no que tange à responsabilidade do aluno.

Faço essas afirmações perante este auditório tão seleta, apesar de estar suficientemente a par da cuidadosa e, mesmo, rigorosa seleção de instrutores e alunos (todos voluntários, inclusive), porquanto é fácil concluir os reflexos negativos que poderiam advir se não houvesse essa seleção.

Sei que discussões e trabalhos em grupo constituem uma parte importante do ensino nesta escola; penso que tais exercícios têm seu valor acrescido se estiverem sujeitos a um acompanhamento cerrado pelos instrutores, devendo ser freqüentemente seguidos de uma crítica, em que a "solução da casa" deve ser sempre apresentada.

Aos que optaram pela carreira das armas deve ser sempre incutido como, a cada dia, cresce a importância de sua participação de salvaguarda incontestada da nação brasileira, particularmente após a conclusão deste curso.

Lamento que o ensino em geral, na área civil, não tenha evoluído como desejável nestes quase 16 anos de revolução, proporcionando um melhor preparo cultural em todos os níveis. Com o grande crescimento do número de vagas, a partir de 1964, não houve, paralelamente, a preocupação com o preparo de um magistério suficientemente capacitado para suas responsabilidades básicas, particularmente nos níveis médio e superior, o que vem preocupando seriamente o Governo.

## CHEFIA E LIDERANÇA

Esta escola, que olhamos com um misto de carinho e respeito, exerce um papel muito importante — ela deve ser, sobretudo, uma escola de líderes; porquanto ela prepara os futuros assessores dos chefes maiores e, mesmo, os futuros chefes dos mais elevados escalões de nosso Exército, complementando seu aperfeiçoamento cultural. É a última oportunidade para uma complementação em grupo. Conseqüentemente, a ECEME é uma partícula de nosso Exército, destinada a exercer em seu organismo uma função importantíssima, indispensável à sua plena vitalidade.

Todos sabem que estamos longe de possuir um Exército ideal ou, mesmo, suficiente para um país de dimensões continentais; porquanto existem muitos outros problemas, particularmente relacionados com o desenvolvimento e de natureza social, que devem ter tratamento prioritário pelos governantes. Entretanto, jamais o nosso Exército deixou de cumprir sua missão, graças ao espírito de responsabilidade e à convicção profissional de seus quadros permanentes, de Oficiais e Sargentos, com a participação dos companheiros da reserva que colaboram em nossos quartéis.

Tenham sempre presente que uma tropa bem preparada ou adestrada é a maior fiadora do bom cumprimento da missão — da segurança essencial à contenção e à superação de antagonismos e pressões a ordem interna e a paz externa.

Assim, a aplicação dos quadros e da tropa na instrução e em intensos e bem orientados exercícios no terreno, utilizando nossa doutrina militar como a grande diretriz e, ao mesmo tempo, estimulando criatividade e espírito de iniciativa, é indispensável.

Quando voltarem aos quartéis ou ao assessoramento dos comandos superiores, de qualquer nível, procurem fazer com que a tropa se exercite o mais possível no terreno, mesmo que as dificuldades com transportes venham a acentuar-se. Lembrem-se de que nosso Exército iniciou sua motorização após a 2ª Guerra Mundial, e, nem por isso, deixou de realizar exercícios no campo com frequência — pelo contrário.

Alguém já disse que:

“Liderança é o termo usado para descrever aquela combinação de atributos que nos habilita a fazer com que outros, por nós influenciados, realizem alguma coisa” e eu acrescento: com espontaneidade.

A liderança traduz uma auto-exigência continuada e espontânea, caracterizada por austeridade e simplicidade, capacidade e eficiência, firmeza e respeito humano, equilíbrio e espírito de justiça, capacidade de ouvir e dialogar, segurança e espírito de decisão, bondade e camaradagem, enfim, exemplo.

Para isso, é preciso, acima de tudo, saber o que somos e o que queremos, enfim por que existimos como Força Armada e termos convicção quanto à beleza da profissão, que repousa mais no que ela de nós exige do que nas benesses que dela possamos esperar.

A vida do profissional militar é árdua, particularmente pela maneira como encara os deveres e responsabilidades. É plena de lutas e de rígida autodisciplina por eles mesmos compreendidas como essenciais. É plena de dificuldades, na perseguição constante, com todas as forças, do melhor desempenho no cumprimento da missão, com isenção de qualquer outro interesse que não seja o de bem servir ao Exército para melhor servir ao Brasil, num trabalho anônimo, sem alarde nos quartéis.

Devem ter sempre presente que a falta de meios jamais justificará perante o povo o não cumprimento da missão — assim, a tropa deverá estar sempre convenientemente adestrada para bem empregar os meios existentes — aqueles que a nação pode proporcionar.

Procurem, nos exercícios em sala e no terreno, fazer com que em todos os trabalhos sejam bem empregados princípios, doutrina e técnica em vigor e difundidas por nossas escolas, inclusive o método de raciocínio conhecido como "estudo da situação". Tenham sempre presente, quando concluírem seus cursos, que esse método de raciocínio pode e deve ser aplicado em estudo de qualquer natureza, desde que variem, obviamente, os fatores da decisão.

Lembrem-se de que para manter um Exército permanentemente eficiente, é preciso, acima de tudo, de chefias, em todos os escalões — de Sargento a General — altamente capacitadas e atualizadas.

Tenham a convicção de que, à proporção que subirem na hierarquia, mais numerosos serão os subordinados a lhes observar, direta ou indiretamente, e que só pelo exemplo, inclusive no cotidiano, e por um equilibrado espírito de justiça, pode o chefe de qualquer escalão, transformar-se num verdadeiro líder militar — aquele que:

- é capaz de infundir respeito como conseqüência de uma admiração;
- não precisa coagir para induzir seus subordinados ao cumprimento do dever, e finalmente,
- é seguido em quaisquer circunstâncias, na paz como na guerra, por esses mesmos subordinados.

Procurem incutir esse espírito também em seus subordinados, Oficiais e Sargentos, dos quadros permanentes ou não, e contarão com seus efetivos para qualquer missão.

Lembrem-se de que a autoridade, hoje mais do que nunca, repousa principalmente na razão e na persuasão e façam com que seus subordinados, em função de chefia, tenham, também, essa compreensão e esse procedimento, salientando-lhes que na razão e na persuasão fala mais alto o exemplo.

A profissionalização é meio eficaz e indispensável ao preparo do poder militar; a segurança de nosso povo é a finalidade maior, senão exclusiva, do emprego desse mesmo poder militar — assim, o Exército deve estar sempre pronto para empregá-lo, se, onde, como e quando for necessário.

Sim, o Exército deve procurar se profissionalizar, mais e mais, para poder garantir, a qualquer preço, essa segurança. É ela indispensável à tranquilidade de nosso povo para que este possa, trabalhando ombro a ombro com as Forças Armadas, construir a pátria grandiosa que queremos — mais forte, mais rica, mais justa, mais feliz e sempre livre.

E devem as Forças Armadas continuar a garantir a segurança, como até agora o têm feito, antes por medidas preventivas do que por medidas repressivas. Desse modo, estarão impedindo que a luta armada se instale em qualquer rincão de nossa pátria, seja ela estimulada interna ou externamente. Porque a luta armada e a guerra são como os incêndios, mas fáceis de prevenir do que debelar.

Quero, a esta altura, salientar que a profissionalização se coroa na busca incessante da operacionalidade, que é a capacidade de receber a missão e de nela durar o tempo necessário para o seu bom cumprimento.

Mas um Exército, por mais bem equipado que esteja, só estará em condições de cumprir sua missão se for uno e tranqüilo, consciente e com uma única vontade fruto de convicções democráticas inabaláveis.

Para isso, deverá ser, em todos os seus escalões da hierarquia, impermeável à doutrinação marxista e à infiltração comunista — para o que considero altamente prioritária, no caso do Exército brasileiro, uma continuada conscientização, capaz de assegurar uma convicção sempre presente, pelo menos nos quadros de Oficiais (inclusive da reserva convocados) e de graduados, quanto às causas imediatas que motivaram o desencadeamento da revolução de 31 de março de 1964, mostrando, inclusive como atuavam certos líderes de então, hoje no Brasil desfrutando de modo pleno de todos os direitos, inclusive políticos. Não porque discordemos da anistia que a todos beneficiou, mas para que os militares, pelo menos, não se deixem iludir por esses mesmos homens que em 1964 conseguiram dividir as Forças Armadas, comprometendo vários companheiros que aceitavam ou partilhavam daquela situação — mais por comodismo, carreirismo ou suposta legalidade, apesar de haver alguns poucos graduados e oficiais, particularmente, de postos mais elevados comprometidos ideologicamente.

As ordens do dia e os boletins alusivos ao 31 de março, apesar de serem sempre oportunos, não são suficientemente esclarecedores para manter a convicção de que a volta ao passado, ao estado de coisas reinante naquela época, jamais poderá ser admitida sob qualquer disfarce.

Essa necessidade se impõe não só porque a "memória humana é muito fraca", como porque aqueles fatos não foram presenciados por muitos que hoje integram, inclusive, os quadros permanentes do Exército.

Apesar de levar em consideração, é lógico, a diferença de situações geográficas, vou ler para vocês trechos de um noticiário, oriundo da própria região, transcrito na imprensa do Rio a 17 de fevereiro:

"Segundo o jornal, pelos menos 50 aviões estão participando dos bombardeios conjugados com uma ofensiva do Exército afegão contra os rebeldes."

“Em Peshawar, no Paquistão, membros do grupo rebelde Hizbi Islami anunciaram que surpreenderam numa emboscada uma unidade do Exército afegão na província de Nimruz.”

Donde se conclui que o Exército afegão, no todo ou em parte, admitiu o domínio soviético e está operando sob suas ordens ou do Governo títere presidido pelo afegão imposto pelos comunistas invasores. Tal conduta, no caso, pode ter sido consequência do medo (grande inferioridade), do comodismo ou da própria convicção — aceito como mais provável esta última hipótese pela localização geográfica do Afeganistão, vizinho ao sul da União Soviética, tornando fáceis, assim, a infiltração e a doutrinação ideológicas.

Encerrando esta palestra quero transmitir-lhes uma última mensagem, que nunca é demais repetir porque julgo que talvez seja a melhor receita na formação que se pretende de verdadeiros chefes:

Que todos e cada um de vocês, sejam de que Exército forem, se esforcem por serem aquilo que julgam que seus superiores deveriam ser — mas, esforcem-se mesmo.

Aqueles que assim procederem, desde já e sempre, atingirão o aperfeiçoamento que os conduzirá aos demais postos da hierarquia como verdadeiros chefes — líderes de seus comandados.

Só me resta agradecer ao Comandante da Escola a confiança em mim depositada, desculpar-me por alguma falha, pois as condições pessoais variam muito quando se passa para reserva após tantos anos de serviço ativo, e formular votos de felicidades nos cursos que ora iniciam ou reiniciam, e aos demais companheiros presentes, extensivos às respectivas famílias.

*(Aula Inaugural do ano letivo de 1980, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro).*